

P I S H O
X O D Ô
A ESCRITA COMO ATO



Processo é tudo o que Pisho Xodô- A escrita como ato quis revelar. Mais do que a busca por objetos finais que mostrassem o encontro entre pixadores e calígrafos do shodô, as escolhas da mostra, a forma de realizar a abertura, a oficina e o debate privilegiaram a duração deste encontro.

O corte transversal da proposta que nós fizemos para aproximar essas linguagens, foi abraçada e construída pelas pessoas que fazem da Casa das Rosas uma instituição dedicada à palavra poética e por Gabriel Kerhart, Rafael Miyashiro, Monica J. Terada, Reinaldo Daniel, Lissa Sakajiri, pelos colaboradores do projeto e por todos os participantes que dividiram a experiência de olhar além da tradição, das convenções sociais e do isolamento do conhecimento, para generosamente trocar visões de mundo e experiências que se revelam através do ato da escrita.

Parte do material, fruto do encontro, está aqui como registro e como propulsor da vontade de conhecer o outro, ou melhor, de reconhecer o familiar no diferente e de tornar estranho aquilo que é sabido.

Dez pessoas, dez opiniões.

Juliana Kase e Cadós Sanchez



Parede com pesquisa e trabalhos para a mostra Pisho Xodô - A escrita como ato

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO

Juliana Kase e Cadós Sanchez

Em 27 de setembro de 2014, eu e Cadós assistíamos a demonstração de shodô que encerra todos os anos a Exposição de Caligrafia Japonesa, que estava na sua 35ª edição. Durante a performance dos praticantes de shodô, pertencentes a diversos grupos que atuam no Brasil, em especial a expressiva gestualidade da sensei Etsuko Ishikawa e a grafia dos ideogramas ancestrais pelo experiente sensei Joku Wakamatsu, conversávamos sobre as impressões que a escrita suscitava. Essas impressões só eram possíveis pelos anos de experiência de arte na rua de Cadós e os anos de minha experiência com instalações e trabalhos para lugares específicos e algumas parcas tentativas com shodô. A grafia que víamos se desenvolver naquele momento não era só letra, mãos, olhos e cérebro, era também ato, síntese de uma experiência. Ato do corpo em movimento, da duração do movimento, do espaço entre os elementos grafados e dos elementos com o papel, ato da intensidade e do vigor individual, ato da matéria, da poesia, da arte que não se desprende da experiência de viver, do entendimento de todos os elementos da escrita de modo tão singular e expresso de forma particular, irrepetível, incorrigível. Todas essas observações não se referiam apenas à tradicional caligrafia milenar japonesa, mas também à grafia urbana contemporânea, a pixação. Haveria concepções e visões entre ambas que poderiam ser compartilhadas ou seria uma idiosincrasia a dois?

O acolhimento da Casa das Rosas em São Paulo, foi a primeira confirmação de que a ideia poderia se desenvolver em projeto, principalmente pela pessoa a compartilhar do nosso vislumbre ainda em 2014, a educadora Luciana Felix, que percebeu como a ideia poderia contribuir com a pesquisa sobre a palavra e a linguagem escrita da instituição, que também guarda o nome Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura. Após o acolhimento receptivo da equipe da Casa, começamos a contatar pixadores e calígrafos do shodô, que mostravam através do seu trabalho um interesse profundo pela letra, pelo ato da escrita e uma possibilidade de diálogo um com o outro.

De conversas com muitas pessoas, os que abraçaram a possibilidade de aproximar escritas que costumam estar circunscritas em âmbitos inconciliáveis, sobrepujando o febril ritmo da vida na cidade de São Paulo, as distâncias e os preconceitos foram Gabriel Kerhart, Rafael Miyashiro, Monica Terada e Reinaldo Daniel de Souza, Rei.

Em um dos encontros que surgiram do projeto, Monica tirou de sua pasta um trabalho em shodô que dizia 十人十色, foneticamente jyu nin to iro, dez pessoas dez cores, ou seja, cada pessoa possui uma experiência, opiniões e visões de mundo que não se repetem. O provérbio japonês caiu como uma luva para traduzir o sentimento da proposta de aproximar as expressões escritas do pixo e do shodô. E hoje, 21 de março de 2016, quando o país aparece tão polarizado e intolerante ao universo singular de cada indivíduo, ele ganha a sabedoria poética que só pode se apreender, mas não se pode ensinar.

A pixação e a caligrafia japonesa foram originadas em condições sociais e históricas quase antagônicas. A primeira, talvez a manifestação mais radical no e do espaço urbano, se desenvolveu exponencialmente ao passo do crescimento das grandes cidades e das condições sociais desiguais das metrópoles, podendo se ressaltar a grafia muito particular que surgiu em São Paulo a partir dos 1980. A segunda, primordialmente influenciada pela escrita chinesa, levada ao Japão por monges budistas a partir do século VI, se desenvolveu em âmbito da nobreza e de classes em situação privilegiada, tendo atualmente alguns princípios difundidos no currículo escolar no país. A despeito de suas diferenças originárias, ambas caligrafias resvalam em questões mais amplas e mais profundas que a forma. Para olhar essas escritas é necessário um olhar-além-objeto e acompanhar o traço, que permanece pulsante, do movimento, do sentimento e da experiência de vida que o gerou.

Diante da lacuna no provérbio japonês caligrafado por Monica, Gabriel inseriu, perspicazmente, no lugar ocupado pelo 人, pessoa, o i de Exorcity – um rosto, que sintetiza toda a palavra. Assim, a letra não só ganhou uma nova forma antropomórfica, um novo ideograma em associação aos demais, mas conferiu um peso visual associado ao 色, colocando ritmo aos dois 十.

PARA ALÉM DO OBJETO, A TEMPORALIDADE DA ESCRITA

É um desperdício, senão um engano, olhar para a pixação e para o shodô com um olhar sobre o que eles sejam, isto porque a partir da compreensão de tempo de ambos só há o estar. Tudo é mais efêmero nessas expressões, nada "é" por muito tempo¹. Essa noção temporal pode ser observada na própria atitude não conservacionista do que se produz, na contramão da arte feita para o museu. Seja parede ou papel, a atitude que parece aceitar o mundo movente, mostra a ciência de que nenhum ato individual perdura, mas a ação de uma coletividade, de vários sujeitos produzindo em um determinado tempo histórico talvez.

Apesar da hierarquia e a possível vaidade que aflora nessa condição, pode se dizer que a maior herança do shodô é imaterial, ou seja, passar o conhecimento para outra pessoa. O valor do saber-fazer está presente na cultura japonesa em vários aspectos da vida cotidiana e é visto em ações distintas como a reconstrução periódica do templo Ise Jingu, desconstruído e reconstruído a cada 20 anos, há 1300 anos. Por vezes não se sabe, ou não se reflete, que os pixos mais recorrentes na cidade são feitos não por um indivíduo, mas por um grupo de pessoas que pixam o mesmo nome. Independentemente do bairro onde habitam ou da entrada e saída de uma pessoa da turma, há nomes que se desenvolvem nas ruas há mais de duas décadas. A estratégia coletiva, vence a escala urbana e o apagamento insistente, realizado pelos órgãos gestores da cidade, sendo antes o exercício de uma coletividade.

A noção anti-perene também está condensada no próprio ato da escrita. Em ambos não se corrige os traços. O gesto é síntese de um preparo anterior. Os traços realizados com o pincel no shodô ou com o spray e o rolinho na pixação evidenciam o movimento do corpo que o grafou. Obviamente, a consciência corporal no espaço é indispensável. Seja andando sobre ou percorrendo uma folha de papel, seja escalando ou tateando uma parede, há uma compreensão de espaço que é coisa física tanto quanto mental.



Dez pessoas dez cores, Monica J. Terada e Gabriel Kerhart, 2016
foto: Juliana Kase

¹ há uma expressão japonesa 一期一会 ichi-go ichi-e, um período, um encontro. Habitualmente relacionada aos princípios da cerimônia de chá, que tem como mestre Sen no Rikyu do século XVI, ela se fundamenta na transitoriedade zen budista e lembra que um encontro é único e não volta a se repetir. Mesmo que as mesmas pessoas voltem a se encontrar, a ocasião nunca é a mesma. Panta rei, tudo flui, como disse Heráclito.

A escrita-corpo no pixo muitas vezes utiliza vários corpos para grafar uma palavra, com os pés nas costas, por exemplo, ou na emblemática ação conjunta que durou oito horas, com cinco turmas de pixação - Porões, Domínios, Viela13, Je e Exorcicy- para pintar as iniciais OS+IM, da griff Os + Imundos, na fachada do prédio localizado à Rua dos Timbiras, centro de São Paulo em 2009. Na escrita-corpo do shodô o praticante logo nota que tentar escrever somente com a mão e o punho é um equívoco. Uma única tentativa em qualquer uma dessas escritas revela a necessidade de perceber o corpo em sentido ampliado e o posicionamento intuitivo da postura em relação ao espaço e aos instrumentos de caligrafia. Esse entendimento, no entanto, deriva da prática.



Os + Imundos, Porões, Domínios, Viela13, Je e Exorcicy,
Rua dos Timbiras, São Paulo, 2009

PARA ALÉM DO OBJETO, A ESPACIALIDADE PREENHE DE TEMPO

A noção de espaço para o shodô e para a pixação não é um grau zero. Papel e parede não são suportes equivalentes a um fundo neutro onde a letra pode se destacar. No pixo, a cidade é que recebe a letra e isso inevitavelmente levanta debates sociais, confrontos entre diferentes concepções de público/privado, de cultura e de arte. O muro privado em seu lado público recebe a tinta e mostra quão fina é a camada que divide essas esferas. No shodô, o espaço é tão importante quanto a tinta preta. A idéia de que o branco ou o invisível é nulo, vazio, não existe na cultura japonesa. O que não é visível na verdade coincide com o que é muito valorizado*¹, no Japão o que tem valor é recôndito. O antagonismo figura/fundo, tradicional nas artes visuais de tradição européia, perde assim valor, já que não há fundo neutro, há uma relação dinâmica e interdependente entre os elementos. Não é possível falar de pixação e de shodô sem atentar para o contexto e as noções espaço-temporais que as constituem. O calígrafo atento desenha com o suporte que é ao mesmo tempo social, plástico e ontológico no shodô e na pixação.

Dois exemplos. Os poucos centímetros do papel deixados sem tinta no trabalho de Morimoto sensei em que ele escreve a palavra 無 "mu", o nada zen-budista, revelam a potência do vazio. Eles testemunham que a negritude do papel advém da tinta, que foi conduzida pelo papel mesmo após o gesto terminado. A tinta sedimentada no fino papel por sua vez, aponta para esse percurso fluido iniciado pelo movimento e pelos traços que compõe a palavra 無. Nas intervenções urbanas de Zero hum, os elementos arquitetônicos e os espaços também escrevem como as letras, ela parece ressaltar mais o entorno do que sobrepô-lo, o que torna a relação entre grafia e cidade entrelaçada ao ponto dos limites de ambas se perderem de vista.

¹ Para mais sobre o assunto ver sobre o conceito de 奥 "oku", o interior, o fundo de um lugar como a casa e também do coração.



無, Mu, Morimoto sensei
itijisho, 61x91cm



Zero1, bairro da Liberdade, São Paulo, 2016

PARA ALÉM DO OBJETO, O SABER-FAZER, O SABER-OLHAR

Com toda a natureza não objetual do pixo e do shodô e os encontros em andamento, realizados desde o começo de 2016, decidimos para a mostra privilegiar o processo e focar no que foi produzido nos encontros através de vídeos, originais e fotos. No dia da montagem na Casa das Rosas, um dos trabalhos fixados temporariamente no painel para visualização caiu no vão, entre o painel e a mesa expositora, fixa. Se o fato ocorresse em um contexto aurático de arte¹, se constituiria um problema de difícil resolução. Mas a solução partiu da oportuna presença de Monica, que havia feito o trabalho 'perdido'. Fazer outro.

“O que importa no shodô não é o shodô. O que importa no pixo não é o pixo.” Assim escreveu Gabriel no pixo realizado na rua e transmitido ao vivo para a Casa das Rosas, na abertura do evento no dia 5 de abril de 2016.

Em conversa com Mitty Nakamura, educadora do espaço, sucessora de Luciana Felix, que já não trabalhava mais ali, ela me relatou que as pessoas perguntavam sobre o por quê da aproximação. O que poderia apontar era apenas a importância do como e do onde e dos por quês. Não se pode dizer que o pixo e o shodô sejam narrativos, mas a apreciação dessas escritas são conduzidas em uma duração que está sintetizada na imagem escrita. Como não objetuais, o que importa na letra é aquilo à que remete, seja o movimento, o tempo, o espaço, o sentimento, a experiência de vida condensada em gesto no momento da escrita ou todos os elementos juntos, pois não se separam. De fato, há uma busca de simbiose entre todos os elementos que compõe essas escritas. Como há uma busca de diálogo na aproximação anacrônica em Pisho Xodô.

Dez pessoas dez opiniões. Nem por isso a convivência é impossível.

¹ O termo se refere ao texto “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” de Walter Benjamin



Pisho Xodô, oficina, Casa das Rosas, São Paulo, 2016

uma escrita que não quer dizer

julio mendonça

na escrita interessa o que não é escrita, diria o signatari. a cultura ocidental é marcada por oposições excludentes e antíteses esquizofrênicas e uma das mais decisivas delas é a que se deu e se dá entre escrita e imagem.

o exercício escolar padronizado estendeu o acesso à prática letrada para uma parcela muito maior da população, ao mesmo tempo que disseminou uma visão logocêntrica que só encontra resistência na cultura popular e entre artistas e poetas. somos adestrados, de maneira complementar, para o trabalho – que “nos dignifica” – e para a escrita – que passamos a considerar o repositório último e necessário do sentido.

eric e. havelock, no seu grande livro *a revolução da escrita na grécia*, observa que a invenção da escrita trouxe uma condição física, material, para a linguagem, mas logo depois, na própria grécia antiga, constata-se um crescente intelectualismo:

“um discurso escrito vem a ser separado daquele que o pronunciou, e assim também o conteúdo das declarações feitas. estas vêm a ser objetivadas como pensamentos, idéias, noções que têm existência própria.”

desta forma, havelock flagra na grécia do séc. V o surgimento da tendência ocidental à abstração e ao logocentrismo. foi preciso que, no ocidente, voltássemos a observar os aspectos físicos e materiais da escrita, estudar a história de suas transformações e comparar com a história da escrita em outras culturas – notadamente, na cultura oriental – para que pudéssemos começar a por a cabeça fora de nossa bolha.

a tendência ocidental à abstração e, conseqüentemente, ao logocentrismo, tem origem na realidade física de organização de sua escrita: a natureza arbitrária, convencional e linear dos elementos básicos da escrita alfabética. o desenvolvimento da lingüística e da semiótica, a pesquisa histórica comparada sobre as transformações materiais da escrita e sua confrontação com a cultura oral e o advento das experimentações na poesia moderna ocidental lançaram luz sobre outras formas de escrita no oriente, principalmente o ideograma chinês.

a natureza motivada, icônica e não linear da escrita ideogrâmica permite uma escrita mais sensível, concreta e multidirecional que, (re)descoberta por artistas e poetas ocidentais, contribuiu para dar novas formas ao signo icônico, reprimido na escrita ocidental – isto é, aquilo que em nossa cultura letrada se convencionou chamar de “o indizível” (ou “inefável”). “indizível” porque não pode ser expresso (apenas) por palavras.

a cultura oriental desenvolveu essa milenar e maravilhosa tradição – uma tradição que inclui e [até onde conheço] não reprime a experimentação – da escrita intimamente associada à imagem, que podemos observar na arte caligráfica e na pintura chinesas e japonesas e na arte caligráfica árabe. a partir do final do séc. XIX, a arte e a poesia experimentais do ocidente passaram a beber dessa outra fonte (dessa outra bolha).

a poesia experimental brasileira – principalmente, a poesia concreta – estudando e questionando essas duas diferentes tradições, passou a explorar os caminhos da verbivocovisualidade e da intersemiose. uma poesia de misturas, de hibridismos, que tem transitado entre uma linguagem de leitura rápida e instantânea como num cartaz e a (i)legibilidade de alguns experimentos intersemióticos. entre a ortogonalidade construtivista e a informalidade e o brutalismo de muitos experimentos caligráficos.

para a experimentação poética pós-concreta, esse caminho inclui não só a pesquisa dos suportes materiais de uma escrita que não se quer apenas mensagem/sentido, mas também uma relação direta, física, da linguagem com o corpo – uma dimensão performática de uma escrita que é mais/menos que escrita. uma escrita que não quer dizer. na escrita interessa o que está depoisagorantes do seu escrever. uma escrita que (in)diz.

初Hatsu (A primeira vez) e a letra "A", Andre Luis Vieira
瑞氣集門 zui ki shu mon (boas energias que se avizinham), Monica J. Terada
realizados durante a abertura de Pisho Xodô, Casa das Rosas, São Paulo, 2016





Transmissão ao vivo de pixação realizada durante a abertura de Pisho Xodô,
Casa das Rosas, São Paulo, 2016

Sobre a caligrafia japonesa, o corpo e a expressão

Rafael Miyashiro

1.

No Ocidente, a caligrafia é vista como a prática de uma escrita bonita – diretamente ligada à origem da palavra grega, que une *κάλλος kalli* (beleza) e *γραφή graphē* (escrita). A caligrafia japonesa, no entanto, vai além da escrita bela. Isso porque no Oriente, na China e Japão, por exemplo, a escrita é vista como uma arte refinada, capaz de revelar a presença, força e personalidade de quem a escreve, o que exige mais que a habilidade técnica de uma escrita harmoniosa. Fuyubi Nakamura (2006) cita cinco palavras¹ que se relacionam à caligrafia japonesa, o que mostra também usos distintos a cada uma delas, podendo estar ligadas ao contexto educacional, religioso ou artístico. No Brasil, as que mais se usam são *shodô*, *sho* e *shuji*. Embora vários imigrantes japoneses relacionem a caligrafia japonesa a *shuji*, que se refere ao aprendizado correto do ideograma, o que lembra a caligrafia escolar ocidental, no Brasil, *shodô* é o termo mais conhecido. Formado pelos ideogramas *sho*, escrita, e *dô*, caminho, ou ‘caminho da escrita’ – é uma das ‘artes do caminho’². Por ter influência zen, o *shodô* apresenta características como a experiência do momento presente, o dinamismo e a relação com o espaço (Westgeest, 1997). O presente é valorizado no instante em que se faz a caligrafia, pois o *shodô* não permite o retoque, e pede concentração e atenção. O dinamismo afasta o dualismo presente no Ocidente, propondo unidade entre a escrita e o calígrafo, o calígrafo e o espaço, a linha e espaço a ser ativado por ela³. Da mesma forma, o espaço na cultura nipônica tem uma peculiaridade japonesa, o que pode ser visto no *ma*, que faz referência a intervalos de tempo, espaço e espaço-tempo, e está presente nas artes, na arquitetura e no cotidiano, podendo indicar potencialidade artística⁴.

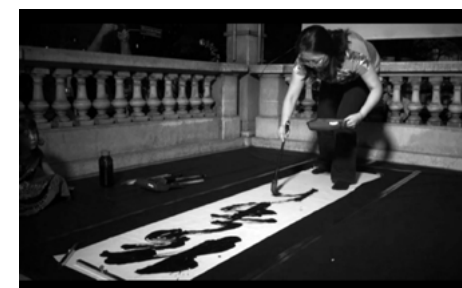
Sho tem conotação artística e expressiva, e está ligado ao movimento da caligrafia moderna no Pós-Guerra no Japão, que buscava novas formas de expressão e queria se desvincular do que considerava uma caligrafia tradicional estagnada. Por isso denominaram o que faziam como *sho*, um contraponto ao *shodô*, fomentando uma caligrafia na qual a expressividade e a autoria eram mais importantes que a

¹ *shodô*, *sho*, *shuji*, *shosha* e *shohô*.

² Práticas que tem influências do zen budismo, como *ikebana*, *sumie* e *karate*.

³ Christine Flint Sato (1999, p.55) diz: “o calígrafo, encarando o branco da página, antes de escrever, não se pergunta como vai preenchê-lo, mas qual a melhor forma de ativá-lo”.

⁴ Ver Okano (2007).



Monica J. Terada, demonstração de *shodô* durante a abertura de Pisho Xodô, Casa das Rosas, São Paulo, 2016

legibilidade. Vale observar, no entanto, que o *sho* parece ser mais um desdobramento moderno do *shodô*, já que partilha a sua essência – a história e a vivência da caligrafia, seus textos clássicos e filosofia. Nesse sentido, *sho* e *shodô* estão próximos, mas distantes da caligrafia no contexto educacional, mais ligado ao *shuji*. As palavras *shodô*, *shuji* e *sho* demonstram que a caligrafia japonesa tem suas especificidades, e que falar de caligrafia japonesa requer, antes, perguntar de qual caligrafia estamos falando. Uma prática não é melhor que a outra: são apenas escolhas que marcam o percurso de cada um e canalizam seus interesses, objetivos e afeições.



Lissa Sakajiri, demonstração de shodô durante a abertura de Pisho Xodô, Casa das Rosas, São Paulo, 2016

2.

No universo da escrita, a palavra media a comunicação – tanto em situações que requerem clareza, rapidez e eficiência, como naquelas em que seu conteúdo é ambíguo e aberto à interpretações. Essa mediação é expressa, visualmente, no que é o próprio ‘corpo’ da palavra ou dos ideogramas, por meio de atributos que lhe dão forma e identidade, que podem mostrar beleza, poder ou simplicidade. No caso da caligrafia japonesa, esse corpo belo, poderoso ou simples, pode revelar um outro corpo, escondido, que é aquele que, com seu sopro, por meio dos seus gestos, cria a palavra no ato da caligrafia japonesa.

No contexto do *sho* ou *shodô*, esse ato envolve o calígrafo, sua realidade psicofísica e afetiva, os materiais e suas propriedades, o ambiente, a história da escrita, entre outros. Toda essa complexidade se revela por meio da linha, considerada, no *shodô* e no *sho*, algo profundo, capaz de revelar a pessoa que a escreveu. Anos atrás, um *sensei* de caligrafia japonesa, reconhecido internacionalmente, ao ver o ideograma ‘boi’ que eu tinha escrito, com traços que aparentavam trazer vida e força ao meu boi, disse que era um boi triste. Durante muito tempo guardei isso para mim: como poderia alguém saber que, por trás daquele boi cheio de traços expressivos, se escondia o momento de tristeza sob o qual foi gerado? (É o que era mais admirável, como alguém poderia saber isso simplesmente olhando a caligrafia?). O boi triste, nesse caso, revelava mais do que a aparência (‘um simples trabalho de caligrafia’),

pois foi o registro desse momento em que a palavra e a vida se misturaram e se entrelaçaram, tornando algo único, numa realidade transcendente, tal qual Morita Shiryû descreveu, se referindo ao *sho*:

Sho é a escrita dos ideogramas num movimento único, sem retoque. [...] quando o próprio ser emerge com o ideograma e é identificado com o movimento da mão e do corpo, o *sho* transborda. [...] isto é *sho*...

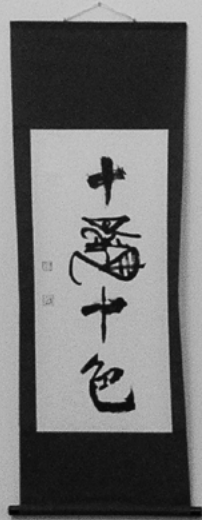
Um movimento único e sem volta, que assimila e absorve tudo – ideograma, pincel, papel, espaço – em si mesmo... Quando o movimento, que é a convergência de todas as forças numa única execução, vem à tona, e mais, quando ele é transcendido, e eu, ideograma, pincel, papel, forma, ritmo, tempo, espaço, minha mente, enfim, quando tudo foi transcendido, tudo existe como um. Neste momento, nada me segura e eu posso ser eu mesmo (HOLMBERG, 1998).

‘Ser eu mesmo’, por meio da caligrafia, soa *zen*: não há dicotomia sujeito e objeto. Isso não acontece sempre – por vezes falta comprometimento, tempo, intimidade, e tantas outras coisas que se impõem na nossa vida. A descrição de Morita Shiryû não diz respeito a algo que deve ser buscado (no *zen* o mais importante é o meio, e não o fim), mas, sim, vivenciado – a cada ato de caligrafar, seja nos treinamentos, no aprendizado técnico, na experimentação e na produção artística. ‘Ser eu mesmo’, por outro lado, também, requer reconhecer e explorar a subjetividade de cada um, tecendo relações com as coisas e pessoas ao seu redor. São coisas que potencializarão a caligrafia japonesa praticada – seja ela um *sho* ou um *shodô* – e que trarão caligrafias únicas, singulares e cheias de vida.

Referências bibliográficas

- HOLMBERG, R. Dragon knows dragon. (Tese de doutorado). Art History Department, Boston University, Boston, Estados Unidos, 1998.
- MIYASHIRO, R.T. Entre tempos: a criação artística da caligrafia japonesa (Dissertação de mestrado em Artes), Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, Brasil, 2009.
- NAKAMURA, F. Creating new forms of “Visualized” Words: An study of Contemporary Japanese Calligraphy (Tese de Doutorado em Antropologia Visual), University of Oxford, Oxford, Inglaterra, 2006.
- OKANO, M. Ma, entre espaço da comunicação: Um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente (Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil, 2007.
- SATO, C. F. Japanese Calligraphy: The Art of Line and Space. Osaka, Mitsuru Sakui, Kaifusha Co, 1999.
- WESTGEEST, H. Zen in the fifties: interaction in art between East and West. Zwolle, Waanders Uitgevers, 1997.

PISHO
XODÔ
A ESCRITA COMO ATO



pixar é humano¹

poesia concreta é poesia visual para cegos²

pra q tanto sangue?
antes aumentar a produção d tinta!³

eu vou buscar no pixo (...)
um oriente ao oriente do oriente⁴

TRANSPIXAÇÃO

gabriel kerhart

exortara 1 cadeia d signos



toda pixação desencadeia 1 lance d tato & se equilibra na linha tênue entre caligrafia & pintura (pictografia), entre legalidade & ilegalidade (marginal), entre código & mensagem (criptografia). se comunica através do incomunicável, desenvolve a legibilidade dentro da ilegitimidade. é, à risca, aquela q ã se ajusta aos ideais restauradores d cultura, ã é regra, é exceção & por definição se destina a fornecer informação ã usual, informação nova, signo novo na quebrada. o signo novo atropela a legislação vigente. & por estas & outras q a pixação divide opiniões. d 1 lado os aduladores & d outro os q a odeiam. d 1 lado, 1 classe artística disposta a arrancar todas as lascas possíveis do pixo & a todo custo. d outro, 1 parcela conservadora da sociedade, pautada pelo senso comum, guiada por 1 ideia fixa & d louvor à propriedade privada, q repudia veementemente essa *exprayação*. enquanto uns se apossariam até do 1º rabisco da mulher das cavernas, outros estão sempre a reboco da *istóriah*, neste interregno, fazer o q?

∇∇∇∇∇∇∇∇: *muros são túmulos, merecem epitáfios.*

& pixação & tato & linha & caligrafia & pintura & pictografia & legalidade & ilegalidade & marginalidade & código & mensagem & criptografia & comunicação & contracomunicação & legibilidade & ilegitimidade & ideais & cultura & regra & exceção & informação & signo & lascas & sociedade & *exprayação* & rabisco & mulher & cavernas & *istóriah* & interregno & *exorcicy*, tudo isto tem a ver com poesia: *violência organizada contra a língua* (hc).

1 - #D# edimilson marcena d oliveira (1975-1997).

2 - sampaio sensei

3 - mantive os versos na versão q minha memória distorcera. os versos corretos, do poema: *a sierguéi iessiênin* d vladimir maiakovski, na tradução d haroldo d campos, são: *para q / aumentar / o rol d suicidas? / antes / aumentar / a produção d tinta!*

4 - paráfrase álvaro d campos in *opiário*



da questão: a poesia pintou à frente ã só nos livros, mas a duras tintas & através dos muros. interessa a materialidade das palavras experienciadas através desta estranha grafia q se projeta em espaço urbano & se propaga em escala humana, q monta palavras como totens q o olho apalpa & q parece transfigurar todas as palavras em poemas, sem facilitar a leitura.

depois d pixar muito concreto veio d presente 1 livro d poesia concreta: relação q incomoda os defensores da muralha & dos bons tapumes. xxxxxxxx a grande muralha da especialização dificulta a interação entre ≠s realidades: redundância no sistema: baixa informação: repressão da transa entre linguagens & linguagens são tramas d transformação da percepção humana.

quando rei & eu pixamos a frase & eu erre¹: *o q interessa no pixo ã é o pixo / o q interessa no shodô ã é o shodô*, estávamos querendo assinalar q a não-disciplina é indispensável para a sobrevivência & renovação dos ≠s sistemas sígnicos. espacialização X especialização. assim assassinar a representação & assinar 1 nova era dentro da gente:

a história do *exorcicy*, como em 1 progressão geométrica fractal, remonta a história da escrita. se, por 1 economia d traços, a letra ∇ triangular da turma, metamorfoseada em letra C~ redonda, remonta a transformação do E quadrado romano em E carolíngio. também em relação fractal, a crise da representação no pixo do séc. xx-xxi remonta a crise da representação na arte do séc. xix-xx.

enrascada exemplar 1 - exorcicy: cantigas d escárnio

物語: certa vez deu maldizer numa aula d língua portuguesa ao pixar 1 *exorcicy* no cabeçalho da prova sobre cantigas d escárnio. a professora perspicaz ao visualizar aquela enigmática inscrição deduziu quem pixara sua casa. o q era pra ser só 1 prova-teste virou 1 fornecimento d provas incriminatórias.

re-apresentação x re-presentação

só interessere o q ã é meu (oa/dp): se duchamp escandalizou o pensamento pictórico d sua época ao pixar no alvo mictório sua quase-turma, *r. mutt*, o q dirá o mercado imobiliário d 1 pixador q assina 1 muro, 1 av. inteira, 1 cidade. a pixação bebeu da *fonte* dadá (?), tatuou & tomou para si o q nunca foi dado: são paulo: terra d arranhacéu.


1 - fraseado baseado no poema *interessere* d décio pignatari. no nervosismo da ação modificamos a sintaxe parafraseando a estrutura, q seria: no pixo interessa o q não é pixo, no shodô interessa o q não é shodô; erros corretos?









Sho (Escrita) e Exorcicy, Monica J. Terada e Reinaldo Daniel
saída de pixo, São Paulo, 2016

marcel expandido em novas escalas & escaladas, injetando na circulação sangüínea da city o antídoto contra o prédio: obsessivas *assassinaturas* re-apresentando o vazio: a representação já era: pixo é risco.

repetição x representação

 u: a mutação se esconde na repetição (dp): a exaustiva repetição perfaz & rarefaz a representação: transfiguração: os traços & suas qualidades finalmente são identificados como informação principal. & informação principal é inimitável. *cada exorcity é 1 universo em crise.* ≠s pessoas fazendo o mesmo letreiro (imitável, difícil d imitar, mas imitável). o olhar + atento percebe q o traço d cada integrante é distinto 1 do outro: a assinatura é o traço: risco d vida.

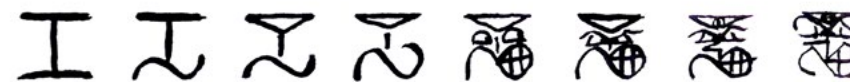
os *kanjis* pictográficos¹ nascem símbolos, provêem d provas figurativas, mas através da repetição secular, passam por processos d reinvenção (iconização). permanece apenas a identidade d estrutura com o seu objeto. o ideograma d fogo deixa d imitar a fôrma do fogo, queima o q é excessivo para iluminar apenas os seus traços estruturais.

PICTOGRAFIA	OSSO	METAL	TENSHŌ		ATUAL
繪	甲骨	金文	篆書 ¹	篆書	楷書
					


1 exemplo ainda + complexo d simplificação é o kanji 馬, 'uma':
kanji-cavalo: cavá-lo:



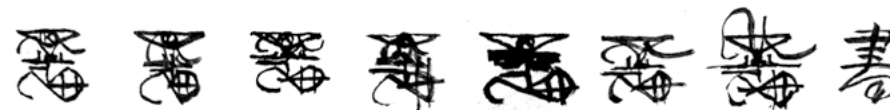
agora 1 ex.: ocidental: o 'i' do alfabeto latino não é assim desde o início. não. ele é 1 código q já foi símbolo. 1 letra q vem do desenho. é resultado metamórfico d seu tataravô fenício, o yod q representa a mão vergada sobre o pulso púvio d xerxes, o rei da pérsia: 𐤎. os gregos, polidos q são, helenizaram: linha reta: I. & os romanos romantizaram a serifa: I. os pixos também querem reinventar a escrita; espichando o alfabeto latino:



)o oriente caminha para o ocidente o ocidente caminha para o oriente(

mas se a *caretinha* da letra  é 1 figurativização do 'i' latino, agora, personalizado & rostificado, se transfigura conforme suas próprias réguas: velocidade-traço, ritmo-execução, material-tensão, proporção-corpo. 1 letra q vira figura q se transforma em assinatura: transpidação.

& subvertendo estes fundamentos & desrespeitando a linearidade evolutiva &



eu vou buscar no pixo / 1 oriente ao oriente do oriente:

¹ - cito apenas 1 das inúmeras categorias d kanjis (ideogramas): *shoukei moji* (kanjis pictográficos), *shiji moji* (kanjis indicativos), *kaki moji* (kanjis ideográficos), *keisei moji* (kanjis fonético-ideográficos), *tenchuu moji* (caracteres derivados), *kashaku moji* (caracteres tomados emprestados)

anedota exemplar 2 - a caminho da escrita

ao fim do 1º encontro d shodō, depois d tomar aula com joku wakamatsu sensei, recebo 1 texto d rafael miyashiro, vou com juliana kase & cadós sanches à 1 exposição d 刻字 no hotel matsubara. longe daquele estereótipo d pessoas q exercitam 1 estilo tradicional, naquela exposição presencio 1 encontro restrito d artistas com espírito d vanguarda. lembro do point d pixo, penso naquelas reuniões lendárias do pessoal da poesia concreta anos 50/60/70. ao ler o texto do rafael, na volta d trem a caminho d casa, descubro q além do shodō, existe o sho, excrita criada por calígrafos modernos do pós-guerra. os sentidos começam a fazer coisas: *não siga as pegadas dos antigos, procure o q eles procuraram* (bashō) & o pixo é o levante dos pós do pós-guerra.

& por q 書 sho 道 dō ?



rafael miyashiro em *entretempos: a criação artística na caligrafia japonesa*, escreve, citando helen westgeest, q o artista tradicional japonês: "... vê o espaço "ao redor", o que significa que, durante seu trabalho, ele está consciente do espaço que o permeia. nesse sentido, ele difere do pintor ocidental tradicional, que, sob a influência dos princípios da perspectiva, só está consciente do espaço à frente dele, & observa como que para dentro. nishida kitarō descreveu o modo de sugerir o espaço tradicional como o seguinte: "o espaço na arte do extremo oriente não é o espaço encarando o ser, mas o espaço no qual o ser está situado".

assim, 1 exorcicy atrai o significado do ambiente q ex-orbita.

o shodō reforça a complexidade do pixo. desloca, acrescenta, ou melhor, destrói pautas além daquelas q tanto têm sido riscadas sobre a pixação: subversão, contextualização, liberdade d expressão. revela a questão presencial: corpo=mente: pensamento corporal.

predominância preto; compressão & expansão do traço; redução, na maioria dos casos, à materialização d apenas 1 kanji, 1 sílaba, 1 palavra, 1 letra para construir toda 1 ideia: características bases d ambas as linguagens. 1 antiarte tão antiga reforça a importância d 1 linhagem tão recente.

pisho x crítico

a pixação ã é profissionalizável. enquanto os críticos, profissionais, esquecem o q temos d sensorial, sempre pré-dispostos a caírem na armadilha da representação. a pixação se esquivia, esguia.

é d extrema urgência a publicação d material pensamental sobre pixação feita por pixadores. pixadores q por sua vez interajam com outras linguagens. reinaldo & eu (exorcicy) temos feito alguns esforços d ação & reflexão neste sentido. realizamos em 2012 exposição no CCJ na zona norte da cidade q relacionava o pixo à 1 gama d manifestações icônicas, da pedra da roseta aos logotipos da era industrial. reinaldo nos últimos 10 anos oxigenou o pixo com suas inovações, 1 delas o exorstencil, no qual deu 1 salto quântico da caligrafia à tipografia do exorcicy. tenho feito pixo-experimentos no âmbito da performance, da poesia & da tradução. acabamos d fazer para a exposição pisho/xodō talvez o primeiro pisho *streaming* (com ajuda d gregório gananian & danielly o.m.m). há também outrxs operárixs do pixo q se esmeram em dialogar com outras linguagens: barbara (*aura*). bia (*fúria*). jack (*parceiros*). dina (*só minas*). penal (*os+ativos*). tripa (*bereta*). bruno (*locuras*). fabio fotorua (*fantasmas*). kamikase (*caligrapixo*). djan (*cripta*), cujo 1 dos seus grandes feitos, num devir duchamp, foi ter pixado o curador: *parla!*

pisho xodō



omo em 1 progressão fractal, + 1 vez, a metamorfose permanente dos signos, ícones, palavras, resulta numa estrondosa coincidência fonética – ocidente/oriente – entre 2 códigos linguísticos totalmente distintos: o japonês & o português (brasileiro) shodō / sho / pixação / pixo.sho, a grosso modo, quer dizer escrita, & dō, caminho. da mesma forma q os artistas japoneses reduziram a palavra shodō à palavra shō para diferenciar 1 escrita tradicional d 1 excrita moderna. aqui no brasil, a palavra pichação q vem d piche virou *pixação* q virou *pixo*.



Exorcicy, pixação realizada durante a abertura Pisho Xodô, São Paulo, 2016

anedota exemplar 3 - identidades d estruturas

na 1ª aula d shodō do reinaldo (exorcity rei), 1 notável ocorrido:

monica j. terada ao se deparar com reinaldo reforçando 1 traço d kanji q havia saído falhado tem 1 reação corporal quase instintiva: toca sutilmente em seu braço dizendo: “nunca reforce o traço.” afinal 1 dos fundamentos do shodō é este, nunca fazer 2x o mesmo traço porq ã é 1 questão d resultado final, d reproduzir 1 fôrma no papel, mas 1 questão d forma vital ocupada no tempoespaço, corpo, gesto, postura & movimento, respiração, vazio.

no mesmo dia, após a aula, todos para rua experienciar a pixação. nos- traços (meu & do reinaldo): retilíneos & uniformes, os traços da monica & do rafael: esfumaçados & sinuosos (interessante mistura da não-disciplina do spray & influência – *charme sutil* – do shodō) ao meu ver, muito bonitos, mas talvez naquele momento, aquilo parecia errado para eles, q tentavam assimilar a quase-técnica do pixo. monica sensei parte para reforçar os traços q havia acabado d fazer & q saíram com preciosas falhas. instintivo, grito, reverente, d longe, entre ruínas: “ñ reforça!”.



Trabalhos realizados durante aula de Shodō, Associação Brasileira de Shodō, 2016

identidade d estrutura

esperada relação esta q ocorre ao acaso. depois d 1 relação ã tão bem sucedida, q consiste em deixarmos 1 espaço em branco nos lugares das letras “o” & “i” da palavra *ex_rc_ty* para serem preenchidas com caracteres do silabário katakana q correspondem foneticamente à letra O & I do alfabeto romano respectivamente por monica & rafael, reinaldo faz,

numa parede d azulejos, a tal letra in(d)icial da turma exorcity (o I d exorcity¹) & monica faz ao lado o kanji radical d shodō, o sho. espantosamente a relação estrutural (longe d ser 1 relação óbvia d aparência figurativa) salta aos olhos d todos. o mesmo tb ocorre quando reinaldo faz em aula 1 ✱ com pincel japonês & tinta nanquim em papel washi. aquele ✱, ao lado d outros trabalhos d shodō funciona como 1 espécie d ideograma punk-ocidental.

aproximação dos procedimentos

dentre algumas coisas q aparecem no pixo & no shodō 1 delas é a incorporação do acaso. a *contribuição milionária d todos os erros*. se no shodō a sua caligrafia sai ≠ a cada dia dependendo do seu estado d espírito, na pixação também. sem borracha, sem massagem: o q está feito ã pode ser desfeito.

o comportamento da tinta

Tinta: a diferença básica entrelinguagens se dá principalmente na utilização dos materiais. quando as ≠ escritas são feitas com o mesmo instrumento aquelas disparidades tão aparentemente óbvias deixam d existir. ou pelo menos, deixa d existir 1 abismo intransponível entre estas. para o calígrafo d shodō & para o pixador 1/2 pala basta. tudo é pretexto para revelar o gestual do traço & a qualidade do material.

o espírito do spray

se é relativamente fácil distinguir as mídias utilizadas nas diferentes linguagens (ex.: calígrafos usam pincéis redondos, os pincéis achatados são comumente usados nas pinturas à óleo, o pixador geralmente usa spray), não é tão fácil perceber o q está implicado nisto, o corpo d quem age também é mídia, complexificando esta relação.

no livro *taction : the drama of the stylus in oriental calligraphy*, ishikawa kyuyoh distingue a caligrafia d outras linguagens a partir d duas propriedades: reciprocidade (reciprocity) & simultaneidade (simultaneity). para o autor, a reciprocidade & a simultaneidade táctil são inerentes à caligrafia.

1 - se na gramática corrente é regra usar a 1ª letra d 1 nome para abreviá-lo. na pixação, a letra q sintetiza 1 turma nem sempre é a sua letra inicial, muitas vezes a letra escolhida para corporificar a turma está no meio da palavra ou em qualquer outra parte dela. no pixo, a letra q define a turma, ou o nome, é a letra q contém > personalidade gráfica, q emite + informação, 1 letra d destaque q se diferencia das letras dos outros pixos. o procedimento d escolha desta letra subverte a lógica ocidental. a letra corporificada passa a existir como 1 radical da palavra, assim como na linguagem ideogrâmica oriental onde nem sempre o radical do kanji está em seu início.

o calígrafo está constantemente recebendo d volta, através do pincel, parte da energia q ele emiti através do mesmo & q ricochetea no papel. a grosso modo o calígrafo golpeia o papel através do pincel & através deste mesmo pincel recebe 1 golpe em resposta. esta reciprocidade & simultaneidade d ação & reação anima a relação entre calígrafo & caligrafia. 1 questão vetorial.

ñ à toa no shodō é tão importante a escolha do pincel: 筆, *fude*. do papel: 和紙, *washi*. & da tinta: 墨, *sumi*. para dar ao pincel determinada característica há cerdas d ≠s animais, há ≠s densidades d tinta, assim como há ≠s texturas & gramaturas d papel. durante 1 treinamento d shodō há 1 alteração do estado sensorial devido ao contacto atento com estes materiais.

na pixação o mesmo ocorre, mas em outra escala. o estado sensorial é alterado devido à múltiplos fatores. a relação d reciprocidade & simultaneidade no pixo se dá não apenas em relação vetorial entre muro, spray & corpo, mas entre os carros q passam, as pessoas q olham, a possível polícia q chega. entram em campo, por 1 questão d sobrevivência, visão periférica, audição, sexto sentido.

se os utensílios do shodō são maravilhas do mundo artesanal, os aparatos do pixo, sobretudo o spray, são maravilhas da era industrial. durante a feitura d 1 pixo fica muito forte a questão do som & do cheiro. a tinta sintética expelida em 1 jato d ar comprimido ludibria o sentido olfativo d quem faz & d quem flagra. isto é 1 característica inerente da sprayação, assim como o ssssssssom.

o shodō geralmente é praticado em 1 local silencioso q propicie a concentração & a busca da perfeita tonalidade do traço. no pixo, o spray em meio ao turbilhão barulhento da cidade emite 1 som d silêncio.

anedota exemplar 4, q poderia virar enrascada

av. paulista, a lista d suspeitos, madrugada, semáforos alternando verde amarelo vermelho reluzindo a superfície muro, calígrafos embriagados, microtons d tinta em projeção, os transeuntes, passam, fazem sombras, vultos excogitam pelos cantos o q a pixação havia dito & aquele cheiro d solvente noir. sirenes. *nem me viu já sumi na neblina.*

corpotexto

a cidade é texto. o texto é têxtil.

1 A d 5 metros d altura não é + a letra A, é a própria altura.

performance / demonstração / despistamento

no panorama das artes cênicas ocidentais a palavra *performance* pode significar o q há d + avançado em arte não representativa & q rompe com a ideia d espetáculo. no shodō mesmo a ideia d *performance* ainda soa excessivamente espetacular. os calígrafos preferem usar a palavra demonstração. no shodō, para o êxito da performance/demonstração é imprescindível q os acontecimentos se desenrolem d maneira menos performática possível.

na pixação esta questão da não-performance é ainda + radical. êxodo: para o êxito total da performance é melhor q ninguém leia/veja a ação ocorrendo. o q acontece com esta cidade q está totalmente pixada, mas ninguém vê ninguém pixando? despistamentos. o pixador é por excelência o escritor da penumbra. q a leitura se dê ao alvorecer. signo novo na quebrada.

enrascada exemplar 5 – o pixo em apuros

em 1 aula d shodō, num domingo à tarde etsuko ishikawa sensei se direciona a mim & diz: “não vai misturar pixação com minha arte. prefiro cortar/vão cortar meu pescoço.”¹ minha reação ñ poderia ser outra: 1 sorriso extinto: aceno silente para a sensei, penso: ok, すみません, ごめんなさい, 失礼します *sumimasem, gomenasai, shitsureishimasu. se eu cair, 土下座, não caio d joelhos.*

anedota exemplar 6 – roubar/honrar

em 1 aula d shodō, num outro domingo à tarde wakamatsu sensei fala a todos: “tenho 85 anos, ñ devo viver por muito tempo, é dever d vocês, roubarem/honrarem minha tecnologia do traço.”² aquilo me arrepia. fico pensando nos milhares d pixadores q morrem, muitas vezes assassinados, com 1/4 desta idade, somente por estarem assinando 1 muro num mundo onde a propriedade privada vale + do q 1 vida em plena capacidade libertária d sua expressão.

1 - 1 falha d comunicação entre nós. não pude entender com exatidão se a sensei havia dito ‘prefiro’ ou ‘vão cortar’ meu pescoço. interessante pensar q para adentrar no diálogo pixo / shodō, é preciso energia, atenção e disponibilidade, já há previamente 1 dificuldade entre línguas, quem dirá entre linguagens, mas me parece q deste caminho difícil nasce a invenção.

2 - idem. não entendi com exatidão se o sensei havia dito ‘roubar’ ou ‘honrar’. achei perfeita esta confusão. roubar/honrar neste caso, são verbos q se complementam.

finício



ing yang: estas anedotas demonstram como há no shodō \neq s estilos. da minha parte, ã me incomoda a advertência da etsuko ishikawa sensei & se sensei ã se alimenta da minha linguagem: mim deglutir linguagem da sensei & sem autorização prévia & + do q aprender com afinco-strictu-sensus a arte tradicional do shodō me compraz roubar/honrar esta tecnologia (wakamatsu dixit) & aproximar os procedimentos & perceber o q isto pode resultar enquanto processo antiartístico & anartístico: desautomatizar & ã me interessa + o pixo especializado & estanque & intolerante a outros pensamentos sígnicos & o significado d 1 shodō é sempre outro shodō & onde se lê shodō leia-se pixo & abrir novos caminhos auto-biblio-bio-cali-carto-cinematocoreo-cosmo-cripto-dactilo-demo-epi-fono-geo-historio-iconto-lexico-lito-micro-nano-orto-paleo-pictopsico-quiroseri-sismo-taqui-tele-tipo-topo-gráficos & a cada mil latas sai 1 milagre & todo muro está grávido d pixo & coressonscheiros, pixos para ouver, cheirar, comer, tocar & é desta liberdade d relações q poderá surgir algo novo &

mmxvi anno domini: 13,9 bilhões do big bang: 4,50 bilhões do planeta terra: 200.000 do homo sapiens na áfrica: 8.000 dos 1^{os} indícios d escrita, fenômeno recente: 2222 do shodō como arte: 468 da deglutição do bispo sardinha: 250 da 1^o revolução industrial: 227 da tomada da bastilha: 126 da invenção da tinta spray: 116 do fim da era gutenberg. agora, eletrônica é a nossa era: 89 do spray em lata: 52 do golpe d 64: 48 do maio d 68: 28 da queda do muro d berlim: 平成 28 年 (28 da era heisei): 28 da era exorcity. o pixo, em sp, caminha para a 4^a década: estamos vivendo a tomada das pastilhas. a julgar pela datação d carbono, a história do pixo está só começando &



Saída de pixo, bairro da Liberdade, São Paulo, 2016

este texto foi vocalizado na casa das rosas - 29/04/16 - com trilha de gregorio gananian q por sinal colaborou para vários acertos nesta trama têxtil. aproveito também para agradecer pelas urdiduras: irana gaia, reinaldo daniel, reuben da rocha e walter vetor.



Três poemas, três momentos, três estações, Rafael Miyashiro, 2015
estilo Kimdaishibunsho (poesia moderna)



春湖白曉岫青 parte da poesia antiga sobre a paisagem de um alvorecer primaveril
estilo Tensho- ideograma/ kanji primitivo, surgido na China por volta de 221a.C.

MONICA J. TERADA pergunta
EXORCITY REI responde

1) Quando você teve interesse pelo pixo?

Na década de 90, quando estava subindo uma ladeira parei com minha mãe em um banco para comer uma bolacha, isso no Jd. Santo Elias e ali vi um pixo escrito Exorcity no qual me chamou atenção.

2) Lembra o 1º Pixo que viu e fez (foi fazendo parte do Exorcity)?

Talvez não sejam os primeiros (risos), mas me lembro de ver na Z.O. os pixos Có – Wilson nº1 – Exorcity – Buiú – Fator35 – ArtCity – Senha4 – dentre outros.

3) O que motivou a começar a Pixar?

A escrita. O desenvolver da caligrafia. Quanto aos pixos, não compreendia direito isso, foi como se eu estivesse me alfabetizando, aprendendo a escrever, de fato.

4) E atualmente a motivação mudou; o que motiva?

Bom... Com o passar do tempo ganhamos maturidade, discernimento. O que realmente motiva o prazer de riscar? A ação, o ato é algo indescritível, algo que fala mais que palavras, eu não saberia descrever os meus sentimentos. Neste momento de ação o mais gratificante é a liberdade de expressão.

5) Antes da mostra PISHO XODÔ tinha algum contato com a cultura japonesa?

Antes da mostra eu não tinha nenhum contato. Totalmente leigo, sem conhecimento. O mais próximo que eu cheguei foi cortar sushi, sashimi... (risos)

6) Algum ponto parecido/próximo entre o Pixo e o Shodô?

Sim, a escrita como ação, como objetivo, como vida.

7) E diferença(s)?

Seguir em frente sempre, defendendo o que se acredita, no que fazemos, porque isso é o que somos.

8) O que achou dessa aproximação Pisho Xodô?

Incrível, fantástico, fascinante. Algo de novo que me dá outros direcionamentos, outra visão, amplia meu entendimento, minha vontade em buscar crescimento pessoal.

9) O que espera?

Aprender, entender, poder me expressar de igual pra igual.

10) Algo a acrescentar, curiosidade?

Estamos no context, resistimos, existimos, escrevemos a história. Isso é o que construímos. EXORCITY resiste e existe, since 1988.

.....

EXORCITY REI pergunta

MONICA J. TERADA responde

1) Qual era seu conceito sobre pixação antes desta proposta de relacionar pixação com SHODÔ?

Os pixos chamavam minha atenção e curiosidade; como uma forma original de manifestar, de autoafirmação: o pixo pode ser mais.... Por enquanto, na maioria dos trabalhos de shodô procuro expressar o que acredito.

2) Pelo fato da cultura japonesa ser um pouco conservadora em alguns aspectos vc sofreu algum tipo de preconceito nesta conexão entre shodô e pixação?

Preconceito direto não; percebi pouca ou nenhuma receptividade em algumas pessoas, mas também simpatia e interesse de muitas outras por acharem a conexão inusitada!

3) Vc acredita que a arte do shodô pode ser aberta para qualquer indivíduo? Explique essa acessibilidade?

Sim, pois basicamente é escrever com pincel reproduzindo letras japonesas conforme uma amostra ou não. Além disso, para se ter aulas, o valor da mensalidade, ao menos na Associação Brasileira de Shodô, é abaixo da média, bem menos que 50 Reais por mês. Ressalva: pode ser difícil para quem quer resultado imediato.

4) O que é necessário para prática do shodô?

Treino, perseverança: pois leva-se tempo para ter o domínio básico na escrita com pincel de shodô.

5) Eu posso criar kanjis com significados próprios?

Pode, mas não saberia dizer se seria considerado kanji..

6) O que vc está achando desta experiência entre os estes dois caminhos de escrita?

Experiência enriquecedora: muitas possibilidades a serem exploradas!

Além de perceber pontos em comum como o cálculo do espaço, controle da distância e pressão, legível ou não, cada escrita ser única, do momento, entre outros. Diferenças? Ambiente: calmo x tenso! Expressão individual: no shodô, no meu caso é você com você para os demais. No pixo: você com você COM os demais.

7) Seria legal transpor o shodô para alguns espaços urbanos, topa ir pintar no "vandal"?(risos)

Vou pensar...topo! Rss

8) Existem alguns SHODÔS que mesmo quem é japonês não entende? Como se dá esta distorção das letras no SHODÔ?

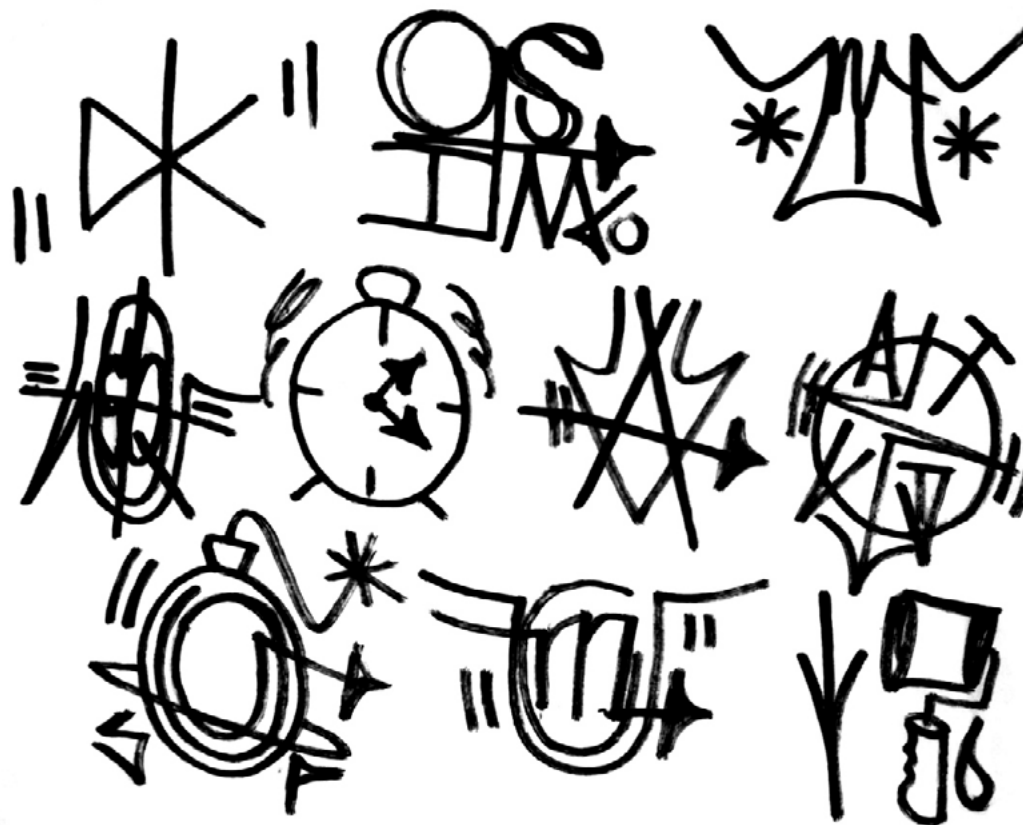
Sim, quanto mais cursivo (estilo Soshu) ou expressivo (Sho) for, a escrita tende a ficar abstrata: distorcendo o próprio formato da letra, simplificando os traços (reduzindo a quantidade de traços: de 6 traços para 2, por exemplo), etc.

9) O que acontece quando um kanji que é comumente feito com os materiais do shodô é feito com spray na parede? Por exemplo o kanji de sonho yume, o que muda?

No shodo, você pode escrever várias folhas até ficar próximo ao que imaginou, dentro da possibilidade e tempo. No pixo é a escrita que saiu na hora, muitas vezes (e pela falta de experiência) pode não ficar como planejado. Vou escrever Yume na parede e depois digo o que mudou, rss.

10) Algo a acrescentar? Curiosidades?

Escritas escolhidas ao acaso ou não para a Mostra Pisho Xodo: 十人十色(que mal há em 10 pessoas=10 visões, experiências, cores diferentes!); 夢(sonho); 縁(conexão, possibilidade); 瑞氣集門(boas energias que se avizinharam): ilustram o espírito da Mostra...





Pisho Xodô, vista da exposição, Casa das Rosas, São Paulo, 2016



Pisho Xodô, oficina, Casa das Rosas, São Paulo, 2016

Pishô, do popular e punk ao zen

Cadós Sanchez

Conversava com um amigo há pouco tempo, ex-punk e atualmente pesquisador e fazedor da cultura popular de raiz. Na ocasião falávamos dos problemas que a música popular menos domesticada tem, em ganhar espaço na mídia, tanto quanto a música experimental. Isso não deveria acontecer, se pensarmos que essa música é parte da raiz popular e sendo assim, do seu imaginário. Por que essa música está tão distante da massa, que atualmente consome a música divulgada pela grande mídia?

É fácil entender o problema da arte de tendência experimental que na sua busca pela invenção se aproxima da atitude de vanguarda (individual) e se distancia das raízes populares (coletivas) e conseqüentemente da mídia da cultura de massa. Acredito que a pixação seja um possível elo entre a atitude das vanguardas modernas, o experimentalismo dos 60, o Dada e o Futurismo do início do século, que surgem junto com a formação das metrópoles e o desenraizamento cultural. Isto o leva à prática da arte de uma expressão individual e à cultura popular de raiz, que tem uma conexão maior com a vida, com o coletivo.

A ligação do pixo com as vanguardas européias não é difícil de traçar quando enxergamos a conexão do pixo com o punk da década de 80. Vários pixos levam até hoje o nome de bandas punk da época e o Situacionismo de 60/70 por sua

vez e não por acaso surge do Letrismo. As colagens situacionistas dão início as colagens da estética punk e por sua vez se tornam influência da pixação (basta ver as folhinhas e convites de festa para notar a semelhança). A pixação vai trabalhar com essas mesmas influências de maneira mais intuitiva do que teórica e acadêmica. Ela assimila como um espírito do tempo e a sua maneira, os ditos dos letristas e situacionistas sobre a arte integrada a vida, como meio de subversão do cotidiano e também a arte de expressão individual e subjetiva dos habitantes e seu método de psiccartografia como luta pela autonomia do ser na cidade.

O pixador é o cartógrafo do imaginário da cidade. Age nos espaços comuns a partir da contestação da propriedade privada e constrói seu mapa, sua psiccartografia da cidade terceiro mundista. Vai realizar muitas das tentativas das vanguardas integrando a arte ao cotidiano da cidade e com isso trabalha completamente fora do universo de mercado e do registro da arte ocidental. A pixação possui esse vínculo com o experimentalismo e estética européia de vanguarda e não deve nada à tradição anarquista pensada por Guy Debord, Raoul Vaneigem, Jean Dubuffet ou mesmo Marcel Duchamp. A pixação surge desse espírito do tempo, mas ela não se vinculou à arte até há pouco tempo atrás. Aliás, sempre fez pouco caso das preocupações artísticas.

O pixo me parece ir além da negação consciente da arte de tradição burguesa mercadológica que as vanguardas trouxeram e me parece conectar-se (como toda a cultura popular de raiz) com algo antes da própria palavra "arte" surgir.

Nesse sentido, é a única manifestação popular (não é de massa, movimento artístico ou vanguarda), que surge dessa negação (ou pouco caso) com a arte e que se mantém até hoje viva na cidade, impregnada dela e vice-versa.

Existe o clichê de associar o pixo às pinturas rupestres nas cavernas, mas vai além dessa mera aparência de primitivismo de seu ato. Ele se desenvolve de modo simultaneamente conservador e subversivo como toda a cultura popular que já existiu e resistiu e que hoje se dilui perdendo o teor do espírito do tempo de que foi fruto.

e n c o n t r o s : o n d e t u d o c o m e ç a

我逢人

Uma questão que surge na atualidade e que não pretendo responder aqui é: quando o pixo aceita o título de movimento, ou manifestação de arte, pode-se iniciar o processo de diluição do teor de sua origem e de enfraquecimento da sua prática?

Acredito que a questão seja mais fluida do que escrevi acima e que cada indivíduo construirá os caminhos para que essa resposta torne-se possível e relevante.

Antes de finalizar, gostaria de citar algo sobre o início da organização do projeto Pisho Xodô e que talvez possa acrescentar a tudo que levantei até agora nesse texto. Pensei em convidar uma pessoa ligada à pixação com "x" de São Paulo que falei durante o texto e outra pessoa mais ligada ao graffiti vândalo, que também atua pichando, agora com "ch", pois trabalha com sprays e pinos especiais para graffiti que dão possibilidades ao traço pouco usadas pelo pixo. Acreditava que as duas somariam no diálogo com o shodô. Teremos o Pishô?

O pixador que convidei é pesquisador de poesia visual e no momento do convite tinha iniciado estudos do idioma Japonês e não hesitou em participar do projeto.

O grafiteiro convidado estava envolvido com galerias e com diversas exposições e demonstrou interesse no projeto desde que os valores fossem gratificantes e no fim, acabou não participando do projeto.

Claro que o número de convites que fiz foi limitado por lugares e pessoas que conhecia e que, certamente a maioria dos pixadores e grafiteiros que lerem esse texto não irão se identificar com nenhuma dessas pessoas, mas conto esse caso pois talvez essa minha experiência possa trazer reflexões aos fazedores da escrita de rua.

Quis apontar nesse texto possíveis caminhos que me influenciaram e que acredito terem influenciado muitos pixadores, no entanto, como narrei acima, os indivíduos e seus caminhos são diversos, a classe média e a favela pixam, o japonês e todas outras etnias também. O pixo tem essa estética cosmopolita, multi-cultural e surgiu como as culturas populares das colônias, mais espontâneas e compromissadas demasiadamente com a vida para se comprometerem com a arte.

O pixador, considerando-se ou não, um artista, ainda segue além da cartoGrafia. Ele atua no topos (lugar) e na divisa do público e privado, segue criando suas utopoGrafias do imaginário urbano.



Saída de pixo, bairro da Liberdade, São Paulo, 2016



Pisho Xodô, oficina, Casa das Rosas, São Paulo, 2016

PISHO XO DÔ

Mostra

De 5 de abril a 29 de maio de 2016
Curadoria Juliana Kase e Cadós Sanchez

Oficina

16 de abril de 2016, sábado, das 14h às 18h
Com: Reinaldo Daniel de Souza e Gabriel Kerhart, Monica J. Terada e Rafael Miyashiro

Mesa Redonda

29 de abril de 2016, sexta-feira, 19h30
com: Gabriel Kerhart, Rafael Miyashiro, Reinaldo Daniel, Djan Cripta, Monica J. Terada, Maicon Bruno MN
mediação: Juliana Kase e Cadós Sanchez

Biografias

Juliana Kase é artista plástica e documentarista. Trabalha e investiga a função e a tempo-espacialidade da imagem em diferentes contextos

Cadós Sanchez é educador, criador de instrumentos sonoros. Pesquisa e desenvolve trabalhos em espaços públicos há 20 anos

Gabriel Kerhart é performer e poetizador. Pesquisa as possibilidades da pixação como linguagem há mais de 20 anos

Rafael Tadashi Miyashiro é designer gráfico e doutor em Artes Visuais pela Unicamp. Pratica shodô desde 2002 e fez seu mestrado sobre o tema em 2009 na Unicamp

Monica Jury Terada é professora da Associação Shodô do Brasil, iniciou o estudo de Shodô no Taikai Kai de Shizuoka Shi, Japão e pratica shodô há 23 anos

Reinaldo Daniel de Souza calígrafo e escritor de rua. Trabalha sempre em diálogo com o espaço urbano, que abrange diversos tipos de intervenções dentro da arte de rua.

Projeto realizado por
Cadós Sanchez, Juliana Kase, Monica J. Terada, Reinaldo Daniel, Gabriel Kerhart, Rafael Miyashiro

e
Equipe da Casa das Rosas
Daniel Moreira, Julio Mendonça, Irana Gaia, Anelise Csapo, Rafael Gatuzzo, Mitty Nakamura, Alan Zanatta, Valdecir Araujo Souza, Jackson Oliveira, Débora Nazari, Mariana Lobo.

Colaboradores:

Lissa Sakajiri, Marina Hitomi Nakagawa, Djan Cripta, Maicon Bruno MN, Daniel Scandurra, Danielly Omm.

Edição e diagramação: Kamikaze Publicações (Ilma Guideroli e Daniel Marques).

Capa: Monica J. Terada e Reinaldo Daniel.

Agradecimentos

Luciana Felix, Associação Brasileira de Shodô (www.facebook.com/shodobrasil), Exorcity (todos), Grilo, participantes da demonstração na abertura, participantes e inscritos nas oficinas, participantes no debate.

facebook: pisho xodô - a escrita como ato

